

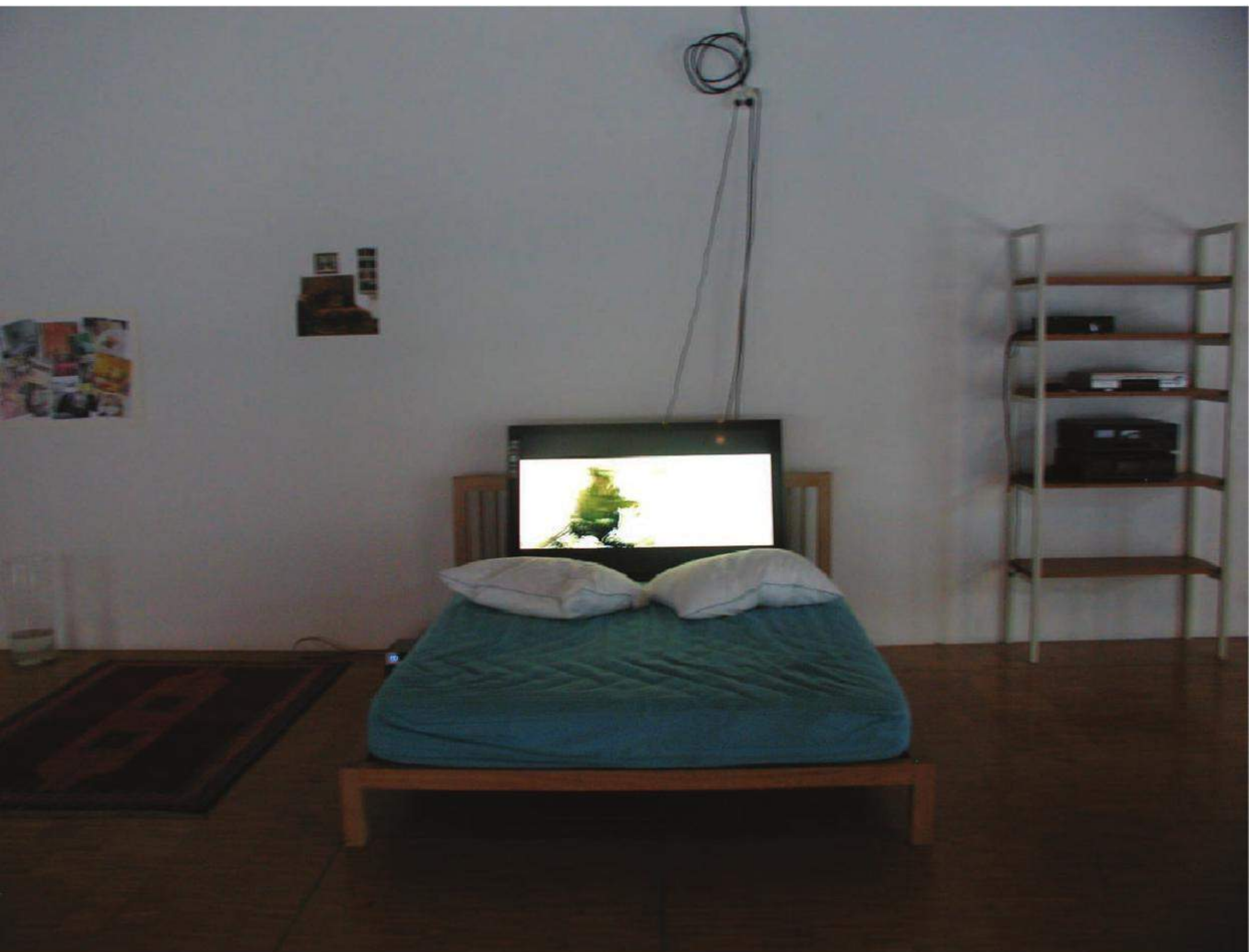


Imagem da exposição Jean Luc Godard. Centre Pompidou, Paris, 2006.

Espaços moventes

Luiz Cláudio da Costa

As instalações multimídia têm povoado as galerias e as instituições de arte nos últimos tempos. Podemos citar duas importantes exposições de âmbito internacional ocorridas no Brasil: Movimentos improváveis: o efeito-cinema na arte contemporânea (2003), realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil, sob a curadoria de Phillippe Dubois e, mais recentemente, Cinema Sim – Narrativas e Projeções, idealizada pelo Núcleo de Audiovisual do Itaú Cultural (2008). Além dessas megaexposições internacionais promovidas por instituições privadas, outra, concebida para o MAM-Rio, envolveu dois artistas cariocas, Kátia Maciel e André Parente: Situação Cinema (2007). Apesar de em nenhuma delas a palavra vídeo aparecer no título, todas incluíam a tecnologia cinematográfica, a eletrônica e/ou a numérica. Sem dúvida as instalações multimídia estão, em certa medida, ocupando a cena da arte contemporânea desde os anos 90.

1 Recentemente, André Parente editou um dossiê para a revista *Poiésis* (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte, UFF, n. 12, ano 09, novembro, 2008) cuja apresentação tinha o título: Cinema de artista: cinema de atrações, cinema expandido, cinema de exposição.

Seria a instalação multimídia uma renovação do conceito de “cinema expandido”? E o que é o cinema de artista, o cinema de atrações, o cinema de exposição, como têm nomeado certos críticos contemporâneos?¹ Qual a singularidade da instalação multimídia nas artes heterogêneas da contemporaneidade? O que significa conceber espaços em movimento? Qual o regime de observação envolvido na experiência desses espaços moventes?

Grande parte dos teóricos que se dedicam a essa produção é originária da crítica de cinema, como Phillippe Dubois, Raymond Bellour e Dominique Païni que, de 1993 a 2000, foi diretor da Cinemateca Francesa. Outros, porém, se engajaram nos estudos dessa prática a partir das artes plásticas e de sua relação com o cinema desde os anos 70, como Anne-Marie Duguet. Muitos dos conceitos constituídos por esses autores envolvem termos ou expressões que se originam ou se inspiram na arte cinematográfica, como “efeito cinema”, de Dubois, e “cinema exposto”, de Païni. Grande parte dessa produção é feita por cineastas – por exemplo, Peter Greenaway, Agnes Varda, Abbas Kiarostami, Chris Marker – que encontram na galeria e no museu o espaço para a exposição de seus trabalhos em filme. Outra parte é feita por artistas, originalmente da instituição Arte, que vêm trabalhando com filme ou vídeo. No Brasil, Livia Flores e Lucas Bambosi são dois nomes proeminentes, entre outros. Muitos historiadores, críticos e teóricos de arte, entretanto, parecendo não saber lidar com algo que é e não é cinema, que é e não é arte, vêm sistematicamente deixando para os historiadores de cinema a prerrogativa dessa reflexão. O que parece ainda pouco avaliado é mesmo essa conjugação de forças anteriormente tão separadas, instituições e discursos até aqui tão claramente distinguidos por interesses particulares sobre linguagens específicas. Urge refletir sobre as mudanças estéticas, mas também práticas, isto é, sobre a transformação institucional que está implicada na

promoção desses espaços imateriais-temporais. É preciso compreender os sentidos plásticos, discursivos e políticos que envolvem essa produção, como os espaços nômades, a coexistência dos tempos, a virtualidade da obra, a qualidade múltipla do sujeito. Urge a constituição de noções e conceitos que levem em conta os problemas das artes plásticas renovados por essa produção multimídia. Este dossiê, Espaços moventes, pretende colaborar com os esforços que já têm sido feitos no sentido de refletir sobre o lugar das instalações multimídia na arte contemporânea. Os autores convidados para constituir este dossiê pertencem a esse campo híbrido da reflexão teórica e crítica que se formou a partir das instalações com filme, vídeo e imagens numéricas.

Organizei-o como desdobramento do trabalho de idealização e coordenação que tenho feito com outros dois professores-pesquisadores, Rubens Machado Jr (USP) e Susana Dobal (UnB) do Seminário temático Cinema como Arte, e Vice-Versa, na Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema – Socine. Trata-se de resistir às forças que insistem em inscrever em gêneros artísticos específicos – “cinema de artista”, “arte de filme”, “arte do vídeo” – essa produção heterogênea, aprisionando-a em uma história da arte estigmatizada por sistematizações homogêneas. Poderíamos lembrar a feliz expressão de Douglas Crimp, “ficção museológica” (*On the museum's ruins*), para entender essa redutora representação da arte por classificações unificantes. Uma saída possível é a que propõem abordagens inscritas em tradições multidisciplinares, que pensam as dimensões plástica, poética e estética desses espaços moventes em um quadro mais amplo dos saberes e da cultura, afirmando sua condição de campo limítrofe. Por isso, busquei a heterogeneidade na escolha dos autores, incluindo pesquisadores historiadores, críticos e artistas.

Luiz Cláudio da Costa (UERJ, Rio de Janeiro, Brasil) é professor adjunto da graduação e do Mestrado em Artes do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
/ l.claudiodacosta@uol.com.br